

### **Psicanálise, o Vazio Existencial e a Felicidade**

A psicanálise que, junto com Freud, é conhecida como um saber teórico, uma técnica de interpretação e uma clínica psicanalítica, voltada para diminuir o sofrimento humano, é cética quanto ao sujeito humano ser feliz. Freud dizia que a psicanálise poderia até resolver os problemas da miséria neurótica, mas ela nada pode fazer quanto às misérias da vida com ela é. Herdeira do estilo socrático porque ousa buscar, mas nada conclui, a psicanálise sustenta o compromisso de, por um lado, não deixar nenhuma pergunta sem resposta e, por outro, é avessa a qualquer tipo de “cosmovisão” que acredita ter encontrado a chave para explicar e resolver todos os males da humanidade, por meio do indivíduo, do grupo ou da coletividade.

A questão do propósito da vida humana já foi levantada várias vezes; nunca, porém, recebeu resposta satisfatória e talvez não a admita. Alguns daqueles que a formularam acrescentaram que, se fosse demonstrado que a vida não tem propósito, esta perderia todo valor para eles. Os homens, através de seu comportamento, mostram que o propósito e a intenção de suas vidas é buscar a felicidade; querem ser felizes e assim parecer. A busca por essa realização apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, busca a experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito a palavra “felicidade” só se relaciona a esses últimos. Em conformidade a essa dicotomia de objetivos, a atividade do homem se desenvolve em duas direções que buscam realizar, de modo geral ou mesmo exclusivamente, um ou outro desses objetivos. (FREUD:1974, p.8)

O que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. De acordo com Pedro Demo:

*“Administrar a alegria é a capacidade de contornar a “monotonia, resgatando continuamente a felicidade, que se desgasta de maneira natural. A alegria de toda hora só pode ser banal”. É necessário reconhecer que a intensidade é passageira, para ser profunda. A autocrítica leva-nos a entender que as expressões mais profundas de **felicidade** são fugazes. A maior alegria é a busca incansável. “Toda chegada realiza e entristece”. O que a dialética insinua é que, diante da decadência inevitável da intensidade, oponha-se a possibilidade de refazê-la, até com maior intensidade. Mesmo que, para isto, tenhamos de renascer, qual Fênix, das cinzas. (2001: p.111)*

A dificuldade que o homem encontra para ser feliz decorre de três fontes que o nosso sofrimento provém: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. Quanto as duas primeiras fontes, o julgamento do homem não pode hesitar muito. Nunca dominaremos completamente a natureza e o nosso organismo corporal, ele mesmo parte dessa natureza, permanecerá sempre como uma estrutura passageira, com capacidade limitada de adaptação e realização. Quanto à terceira fonte, a fonte social do sofrimento, nossa atitude é diferente. Não a admitimos de modo algum; não podemos perceber porque os regulamentos estabelecidos por nós mesmos não representam, ao contrário, proteção e benefício para cada um de nós. Contudo, quando consideramos o quanto fomos mal sucedidos nesse campo de prevenção do sofrimento, surge em nós a suspeita de que também aqui é possível fazer, por trás desse fato, uma parcela de natureza inconquistável – dessa vez, uma parcela de nossa própria constituição psíquica. (FREUD: 1974, p. 13-14)

Além das colocações citadas sobre a psique humana e a sua relação com a felicidade, o homem está inserido em uma sociedade de consumo, baseada em satisfazer os desejos dos homens e que só será duradoura enquanto o desejo continuar irrealizado. Para que o consumismo continue, todo desejo deve ser trocado ou substituído por outro desejo, para que a busca continue em dois sentidos: dos produtos em si e do preenchimento do vazio existencial.

Existe um esbanjamento excessivo que tornou a sociedade uma síndrome de consumismo em que prevalece a novidade, o fútil e a não permanência, e o desejo pelo consumo permanece para sempre insatisfeito. A relação do sujeito com o objeto é transitória e escorrega facilmente, por isso ele está sempre em busca de novos objetos que lhe proporcionem plena satisfação e fica deslocando o desejo de um objeto para outro (SIMMEL:BAUMAN, 2007).

Explicar o vazio existencial e as formas de supri-lo é um grande desafio, pois esse assunto permeia todos os campos da vida do indivíduo, o qual busca, através do consumismo, do individualismo e da falta de limites, além de outras formas, fugir e evitar senti-lo. O vazio existencial leva os indivíduos buscarem caminhos tortuosos. Devido ao incômodo provocado pelo vazio, o indivíduo procura preenchê-lo de qualquer forma. Essa falta e esse vazio acarretam na busca incansável de formas ou “soluções” que aliviarão a sensação desagradável causada por esse sentimento. A busca por objetos que, teoricamente, poderiam satisfazer o indivíduo de alguma forma, é um exemplo disso.

A forma com que o indivíduo lida com a realidade nos faz questionar quais os sinais e quais as consequências desse vazio que expõe e coloca o indivíduo a evoluir rumo à angústia do existir. O sujeito da contemporaneidade é um ser que possui desejos, é estruturado com a falta e se utiliza de preenchimentos ilusórios. O vazio existencial torna-se angustiante e segundo Lacan, na contemporaneidade, o homem precisa com suas idéias, sentimentos e conceitos repensar e transformar o mundo. Ele precisa dar sentido ao mundo e a si mesmo, através de sonhos, teorias, artes, ciências, filosofias, mitos, religiões e verdades que lhe permitirão preencher o vazio.

## Bibliografia

DEMO, Pedro. **A Dialética da Felicidade**. Editora Vozes, p. 111, 2001.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.XXI. Rio de Janeiro. IMAGO 1974. Disponível em:< [http://www.opopssa.info/Livros/freud\\_o\\_mal\\_estar\\_na\\_civilizacao.pdf](http://www.opopssa.info/Livros/freud_o_mal_estar_na_civilizacao.pdf)>. Acesso em: 30 Jun. 2011.

LACAN. **O Vazio Existencial: De Lacan a Contemporaneidade**. Contemporânea-Psicanálise e Transdisciplinaridade. Porto Alegre, n. 7, Jan/Fev/Mar, 2009. Disponível em:< <http://www.contemporaneo.org.br/artigos/artigo210.pdf>>. Acesso em: 30 Jun. 2011.

SIMMEL e BAUMAN: **Modernidade e Individualização**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 4, n. 1 (1), agosto-dezembro/2007. Disponível em:< [http://www.emtese.ufsc.br/vol4\\_art6.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/vol4_art6.pdf)>. Acesso em: 30 Jun. 2011.